

EM TORNO DAS PRÁTICAS DESPORTIVAS EM ÁFRICA

Nuno Domingos

Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa
1600-189 Lisboa, Portugal
nuno.domingos@ics.ul.pt

Augusto Nascimento

Instituto de Investigação Científica Tropical
Centro de História
1349-007 Lisboa, Portugal
anascimento2000@yahoo.com

Os artigos presentes neste número dos *Cadernos de Estudos Africanos* sobre as práticas desportivas em África resultam de comunicações apresentadas na II Conferência Internacional *O desporto e o lazer no continente africano: Práticas e identidades*, organizada pelo CEA do ISCTE-IUL, e de uma chamada para contribuições lançada a 8 de Agosto e encerrada a 15 de Novembro de 2012.

Na esteira do trabalho que, desde há anos, investigadores de diversas nacionalidades vêm dedicando ao desporto em África, a organização de um número dos *Cadernos de Estudos Africanos* devotado a esta temática, tanto à sua história quanto às suas dinâmicas contemporâneas, revela a evolução das investigações sobre um dos fenómenos mais presentes no contexto das práticas do lazer e da evolução da cultura popular no continente africano. O interesse por temas até há pouco tempo considerados marginais reflete o reconhecimento da sua importância, não apenas enquanto objetos autónomos e merecedores de um olhar específico, mas também como instrumentos que facultam ao investigador um acesso singular a outras esferas do conhecimento, oferecendo perspectivas novas sobre debates que há muito acompanham as pesquisas sobre a história da África colonial e pós-colonial. Este volume dos *Cadernos de Estudos Africanos* pretende, deste modo, não apenas acrescentar conhecimento sobre um conjunto de realidades até aqui pouco exploradas, mas igualmente discutir, a partir destes estudos, processos constitutivos da história de diversos países e regiões. Desta forma, apresenta-se também como um convite a novos estudos.

Os artigos aqui presentes dialogam com alguns dos temas que têm vindo a pautar o incremento dos estudos sobre África. A história colonial do continente africano será talvez o mais significativo. O estudo do desporto é um meio privilegiado para examinar as sociedades coloniais, as relações entre colonizadores e colonizados, as formas de poder, a formação de grupos sociais, os processos de exclusão e incorporação social, também traduzidos nas formas de acesso ou nos mecanismos de interdição ao lazer. O enfoque no desporto permite também aceder às vivências de grupos sociais menos estudados, acerca dos quais há menos fontes e informação disponível. Parte dos artigos aqui publicados fala de experiências sociais em colónias portuguesas, concretamente Moçambique e São Tomé e Príncipe. Estes artigos acrescentam algo a trabalhos desenvolvidos recentemente sobre a história do desporto nos vários contextos do colonialismo português, como se disse, durante anos um tema largamente negligenciado¹.

Parte da evolução do desporto na segunda maior cidade de Moçambique, a Beira, é explorada por Eduardo Medeiros. O autor mostra-nos como o despor-

¹ Veja-se uma resenha de vários trabalhos sobre o desporto nas ex-colónias portuguesas em Marzano & Nascimento (2013). Sobre São Tomé e Príncipe, ver também Nascimento (2013).

to foi uma prática importante da comunidade de ascendência chinesa radicada na Beira. Com escassas possibilidades de protagonismo local, encontravam no desporto formas de consolidação dos laços no seio do seu grupo e de afirmação social numa cidade que pretendiam tomar como terra de acolhimento. De alguma forma, um claro vínculo étnico ou cultural perpassou as práticas desportivas dos descendentes dos chineses na Beira, revelando, por um lado, apetências decorrentes do lastro cultural que transportavam consigo e, por outro, abertura ao mundo, amiúde maior do que a dos colonos. Ocasionalmente, os moldes de inserção na terra, a capacidade de interiorização do cosmopolitismo e o desempenho desportivo suscitaram velados debates sobre a autenticidade da sua representação de uma terra que os colonos insistiam em querer só para si e sua, dela excluindo quer os africanos, quer descendentes de imigrantes chineses cujo enraizamento se desdobrava em desempenhos simbólicos como os desportivos.

No seu texto, Todd Cleveland estende ao mundo do desporto os seus interesses de investigação sobre o universo laboral no contexto colonial português. As trajetórias dos jogadores de futebol moçambicanos entre os seus locais de origem e os clubes de futebol na metrópole possibilitam interrogar o modo como eles encontraram nas possibilidades concedidas pelo campo desportivo um meio de mobilidade social. Este percurso laboral, que levou à metrópole alguns dos talentosos jogadores de futebol que representaram a seleção nacional portuguesa, apresenta características únicas no quadro colonial português, já que foram poucos os trabalhadores africanos que conseguiram um percurso equivalente a estes desportistas. Todd Cleveland procura perceber não apenas os percursos destes homens até saírem de Moçambique, e como se relacionam com os dispositivos de controlo colonial, mas também todo o seu processo de adaptação à realidade urbana e desportiva da metrópole. Este texto, para além de oferecer uma análise do sistema de relações coloniais em Moçambique, nomeadamente nas suas principais cidades em mutação apesar da aparência de imobilismo devida ao colonialismo, permite também interrogar a sociedade metropolitana que acolheu estes atletas.

Ainda a propósito de Moçambique, Nuno Domingos entrevista um dos jogadores moçambicanos que mais se destacou no futebol português. Hilário Rosário da Conceição nasceu no bairro da Mafalala em 1939. A sua aprendizagem do futebol nos terrenos vazios do subúrbio de Lourenço Marques venceu-lhe o talento necessário para que, aproveitando o contexto de semiprofissionalização do futebol em Lourenço Marques, suficientemente forte para desafiar o bloqueio racial que caracterizava a organização do campo desportivo, Hilário viesse a jogar no campeonato da “baixa” da cidade e, depois, a transferir-se para o *Sporting Clube*

de Portugal, de Lisboa. A partir da sua condição de “mulato de segunda”, como se autodenominou, iniciou um percurso raro de mobilidade profissional. Hilário relatou todo um conjunto de experiências pessoais que são importantes para interpretar não apenas as lógicas dominantes no processo de formação de práticas e consumos desportivos, em Moçambique como na metrópole, mas também os significados de uma época política e social.

No caso de São Tomé e Príncipe, elegem-se os campos de futebol como objeto original para interrogar na história das ilhas, desde o período colonial até à actualidade. A partir das narrativas proporcionadas pelas estórias de diversos campos de futebol, construídos em momentos diferentes e usados por pessoas e grupos distintos, conseguimos aceder a um conjunto de dinâmicas históricas e sociais por que passou São Tomé e Príncipe nos últimos cem anos. Neste trabalho sobre o arquipélago, o percurso histórico e a análise social são acompanhadas por um extenso acervo fotográfico, que permite oferecer à interpretação novas camadas de significados, como que desafiando a ver como as diversas morfologias dos campos de futebol indiciam diferentes movimentações e mudanças sociais.

Ainda sobre o período colonial, mas já fora dos territórios portugueses, Sílvio Correa analisa os usos e funções das associações desportivas que promoviam corridas de cavalos na colónia alemã do sudoeste africano (atual Namíbia). As corridas de cavalos, argumenta o autor, vincavam a reprodução das diferenças políticas e sociais no mundo colonial. O colonialismo alemão perseguia uma inequívoca separação racial, na circunstância, materializada numa das mais elitistas manifestações desportivas. Mas não haveria fissuras nesta quase intocada separação de europeus e africanos? Se as corridas de mulas serviam para rebaixar os africanos, a verdade é que acabaram por ser admitidos jockeys africanos nas corridas de cavalos, porventura por o desejo de ganhar se sobrepor ao da separação racial. Isto sucedeu no sudoeste africano alemão como em muitas outras regiões africanas, onde o desporto tomou muitas vezes a vanguarda no processo de rompimento de barreiras raciais.

O contexto pós-colonial, já presente no texto de Augusto Nascimento e na entrevista a Hilário da Conceição, ocupa os restantes textos. Questões como a segregação racial, a construção de sociabilidades juvenis e a transição para a vida adulta e, ainda, o poder de construção identitária revelado pelo desporto são abordadas noutros artigos. Hoje, no continente africano, como noutros contextos, as práticas e os consumos desportivos constituem-se como linguagens por intermédio das quais se expressam projetos e aspirações.

Antoine Marsac analisa os usos sociais da canoa na Zâmbia. Para o fazer reconstrói a história da canoagem e, fundamentalmente, do seu significado du-

rante o período colonial. Este trabalho inicial serve-lhe para interrogar os usos contemporâneos e o modo como se relacionam com a negociação da identidade nacional. Em torno das práticas da canoagem, ecos de visões passadistas – ligadas, concretamente, a arquétipos coloniais – conflituam com a visão emancipada dos locais, ainda assim sujeitos à mudança dos seus modos de vida e dos seus valores em função das pressões comerciais ancoradas na prática desportiva. A lembrar a oportunidade de abordagens interdisciplinares – implicando, por exemplo, uma etnografia dos canoístas e a sociologia das práticas desportivas –, o autor aborda a diferenciação social, a heterogeneidade cultural, as clivagens entre indivíduos e grupos de alguma forma envolvidos no que, sendo uma prática desportiva para uns, é, para outros, uma reminiscência das agressões e da sobrançeria do colonialismo. A este propósito, a globalização seria uma continuidade do colonialismo e as disciplinas desportivas veios de insinuação da ideologia liberal e de uma transformação social forçada.

Bernard Cros apresenta um artigo sobre o rãguebi na África do Sul. Mais concretamente, o autor procura analisar a continuidade de lógicas de segregação racial nesta prática desportiva mesmo após o fim do regime racista do *apartheid*. O rãguebi, como explica Cros, foi desde sempre o desporto conotado com o nacionalismo boer, e nomeadamente com as políticas de *apartheid*. Em contraste o críquete afirmou-se fundamentalmente como o desporto vinculado à herança colonial britânica e o futebol à grande maioria negra. Após o fim do *apartheid*, a vitória sul-africana no Mundial de rãguebi de 1995, que organizou, foi considerada uma forma de negociar o lugar deste jogo de brancos na nova África do Sul. Cros argumenta, no entanto, que o fim de uma discriminação formal, que afastava os jogadores não brancos dos campos e das bancadas, permanece sob outras modalidades. Neste seu texto, o autor centra-se na análise da distribuição dos jogadores pelas várias posições do jogo. Este exame permite-lhe considerar que existe na África do Sul uma “segregação posicional” que afasta os jogadores negros dos lugares considerados mais relevantes para a decisão do jogo, remetendo-os a posições periféricas. Esta descoberta, baseada numa completa análise das equipas que atuam em diversas ligas sul-africanas, permite-lhe afirmar que as lógicas de segregação racial se continuam a reproduzir. Perguntar-se-á, por quanto tempo resistirá esta inércia às mudanças na sociedade sul-africana e aos ditames da competição desportiva?

O artigo da antropóloga Holly Collison resulta do trabalho de campo realizado na Libéria. A análise é relevante para a compreensão da centralidade do futebol nas práticas de lazer em inúmeras cidades africanas. O seu foco é a importância da prática do futebol para a juventude masculina liberiana no contexto

posterior à guerra civil. O futebol, sugere a autora, é o meio mais evidente da participação dos rapazes e homens numa sociedade urbana e massificada. Ao acompanhar uma equipa de futebol jovem de um centro comunitário em Matadi, nos subúrbios da capital Monróvia, a autora apercebeu-se das funções do jogo no quadro da transição destes jovens para a vida adulta. Segundo Collison, o jogo de futebol proporciona a criação de uma meta-sociedade e de uma “comunidade de jogo” onde os jovens atletas encontram uma arena de negociação desse processo de transição. Afastados de lugares de decisão e estatutariamente marginais, estes jovens criam uma “sociedade do campo de futebol” onde definem papéis e recompensas, onde podem, beneficiando das funções permitidas pelo jogo, reconfigurar por alguns momentos o seu lugar social.

Este conjunto de textos evidencia a pluralidade de significados culturais, sociais, económicos e políticos associados às práticas desportivas em África. Indicia igualmente as possibilidades de investigação acerca das eventuais implicações das práticas desportivas na recomposição social que, sob várias formas, está em curso no continente africano.

Referências

- Marzano, A., & Nascimento, A. (2013). O esporte nos países africanos de língua portuguesa: Um campo a desbravar. *Tempo*, 17 (34), 53-68. In <http://www.historia.uff.br/tempo/site/wp-content/uploads/2013/06/v17n34a06.pdf> (acedido em 31 de outubro de 2013).
- Nascimento, A. (2013). *Desporto em vez de política no São Tomé e Príncipe colonial*. Rio de Janeiro: 7Letras.